



Alejandro Arnutti

Catálogo

AGO/2025

mini bio

Alejandro Arnutti (1981), nascido em Artigas-Uruguai, vive e trabalha em Uruguaiana-RS. Desde a infância, realizava desenhos in loco da vida rural no campo onde cresceu e trabalhou ao lado da família até a juventude. Em seguida, dedicou-se à pintura e à escultura e iniciou viagens por recantos rurais do interior do RS, Uruguai e Argentina.

Sua produção aborda a cultura local e o cotidiano do trabalhador campesino e evidencia como essas estâncias familiares são decisivas para preservar a biodiversidade do bioma Pampa (o mais devastado do país), bem como a cultura e as tradições do RS, oriundas da miscigenação entre o índio Charrua e o

colonizador ibérico (também tema de sua pesquisa).

Possui obras em acervos públicos das Prefeituras de Uruguaiana/RS e Quaraí/RS, e das Câmaras de Vereadores de Uruguaiana/RS e Piracicaba/SP, além de coleções particulares na Espanha, Inglaterra, EUA, Alemanha, Uruguai, Argentina, Chile e Brasil. Foi premiado em salões e editais relevantes, como o “Encuentros del Arte Contemporáneo”, em Punta del Este/Uruguai, o prêmio “Trajetórias Culturais”, do Instituto Trocando Ideia (Porto Alegre/RS), e, em 2025, recebeu o Prêmio Aquisição no LXX Salão de Belas Artes de Piracicaba/SP.

statement

Nasci, cresci e ainda vivo no Pampa. Por vezes morei do lado uruguaio (desde a infância), e outras do lado brasileiro (radicado até hoje). Muito viajei por diferentes cidades do Uruguai, Argentina e Rio Grande do Sul. E por conhecer de perto quase toda a extensão territorial deste bioma foi que sempre me interessei pela sua cultura e suas rupturas históricas.

A mais de dez milênios os Charrua e outras etnias chegavam, vindos da Patagonia, para dominar essas terras, vivendo como nômades caçadores-coletores. A chegada do colonizador ibérico trouxe a estas terras o cavalo e o gado, que se procriaram livremente; e o Charrua se transformou em um exímio cavaleiro, com habilidades únicas, e da miscigenação deste com o colonizador surge o Gaúcho.

Os sesmeiros (grandes beneficiários de terras da Coroa portuguesa) foram gradualmente tomando posse das terras antes ocupadas apenas pelos indígenas. Mas encontraram a resistência principalmente dos Charrua, o único povo nativo da região a nunca ter aceitado essa “domesticação” religiosa, cultural e territorial do colonizador, e por consequência sucessivamente foram caçados e mortos. Como resposta eles praticavam os “malones”: ataques surpresa, bem orquestrados, com a finalidade de matar inimigos, roubar seu gado e suas esposas brancas, e tudo mais que conseguissem carregar.

Com o tempo e a implantação das cercas de arame farpado, que impediam a livre circulação no Pampa, os gaúchos, que antes tinham uma vida semelhante à do Charrua, se vem obrigados

a passar a trabalhar para os sesmeiros para assim continuar vivendo no campo, e com isso passam a ser chamados de “paisanos”.

Porém hoje os peões das estâncias isoladas nos interiores do Pampa são o último vestígio vivo de muitos costumes dos gaúchos e dos Charrua. São a essas localidades que eu busco visitar periodicamente para acompanhar, registrar e pintar seus ritos cotidianos, vividos longe da família e dos confortos urbanos. Essas propriedades também desempenham papel crucial na conservação da biodiversidade do Pampa, ao praticarem pecuária extensiva em campos nativos, modelo ecologicamente sustentável que, ao contrário de outros estados, não exige desmatamento nem amplia emissões de carbono.



Alejandro Arnutti

Ofício na Mão, Causo na Boca

2025

Assemblagem (impressão em Fine Art sobre tela, pedaços de madeira de cerca parcialmente pintados com tinta a óleo, arame farpado)

67x85x4,5 cm

R\$ 9.500,00

Depoimento sobre a obra “Ofício na Mão, Causo na Boca”

O advento das cercas de arame farpado no Pampa marca uma ruptura histórica. Antes, os Charrua e outras etnias ocupavam esse território há mais de dez milênios, como nômades caçadores-coletores. O gaúcho nasce da miscigenação entre estes com o colonizador ibérico, e por muito tempo leva modo de vida próximo ao dos Charrua. Com a chegada dos sesmeiros (grandes beneficiários de terras da Coroa portuguesa) e, depois, com a generalização das cercas de arame, consolida-se o extermínio dos Charrua, que recusavam a “domesticação” e os limites impostos, sendo gradualmente caçados e mortos; ao mesmo tempo, o gaúcho é convertido em funcionário das estâncias, rebatizado como “paisano”.

Os peões de estância são hoje o último vestígio vivo de muitos costumes dos gaúchos e dos Charrua. São a essas estâncias isoladas que Alejandro retorna para acompanhar, registrar e pintar seus ritos cotidianos, vividos longe da família e dos confortos urbanos. Essas propriedades também desempenham papel crucial na conservação da biodiversidade do Pampa, ao praticarem pecuária extensiva em campos nativos, modelo ecologicamente sustentável que, ao contrário de outras regiões, não exige desmatamento nem amplia emissões de carbono.

Ainda assim, o Pampa perdeu mais de 3,3 milhões de hectares de vegetação nativa apenas no RS, nos últimos quarenta anos. Cerca de 35% de sua área foi convertida em monoculturas, sobretudo soja e eucalipto. Hoje, é o bioma mais devastado do Brasil, com estimativas de desaparecimento por volta de 2043. Essas monoculturas reduzem, ou mesmo extinguem, espécies — como o gato-palheiro, felino mais ameaçado do mundo, restrito ao Pampa — e comprometem serviços ecossistêmicos essenciais, como o controle da erosão e a regulação do ciclo da água, diminuindo drasticamente a infiltração hídrica do solo.

Diante desse contexto, essa obra da série “O Pampa Costurado com Arame Farpado” nasce do registro dessas estâncias ecologicamente sustentáveis, onde a agropecuária segue tradições locais que articulam produção, preservação do bioma e responsabilidade com as gerações futuras, resgatando o cotidiano de um ecossistema antes equilibrado.

Na obra, a pintura a óleo sobre a madeira não recompõe integralmente a fotografia subjacente. A cerca de arame farpado é, aqui, símbolo de controle (decide o que passa ou não) e a pintura se insurge contra esse limite. Apenas fragmentos da imagem conseguem “ultrapassar” a barreira e chegar à frente da madeira, enquanto as cores e texturas do próprio poste permanecem visíveis e atuam como parte ativa da composição.



Alejandro Arnutti
UM CHARRUA AINDA VIVO

2025

[série *O que restou dos Charrua?*]

Óleo sobre tela, 120 x 80 cm

R\$ 7.000,00

Depoimento sobre a obra “Um Charrua Ainda Vivo”

O indivíduo retratado nesta obra chama-se Elso. Ele é um dos pouquíssimos descendentes da etnia Charrua vivo residindo no sul do Brasil, terra que em um passado anterior a colonização pertenceu a eles, assim como o Uruguai e parte da Argentina.

A intenção deste retrato é mostrar elementos do mundo do Elso, e, por isso, seu corpo é seu mundo entendido como planeta, e como tal tem um centro de gravidade que torna possível caminhar, e até voar, sobre ele os pequenos descritos a seguir:

Podemos ver em seu braço direito que avançam soldados da cavalaria imperial brasileira em movimento de espiral para cima, chegando ao ombro, e em seu rastro vão deixando as cercas que serviam para demarcar a distribuição de terras que antes eram dos Charrua, e das quais foram gradualmente expulsos, quando não eram cassados e mortos.

Já no seu abdômen vemos avançar um “malón”, como eram chamados os ataques surpresa que os índios costumavam dar para defender seu território. Eles cavalgam deitados na lateral do cavalo carregando suas lanças rente ao chão tanto para contar com o efeito surpresa fazendo os soldados pensarem que se tratava apenas de uma manada de cavalos selvagens cavalgando a esmo, e também para conseguir atacar com suas lanças enquanto se protegiam do ataque inimigo.

Em seu ombro esquerdo dois bois se refrescam a beira de um açude, e sobre eles voam uma formação em V de pássaros João-grande, típicos dos Pampas. Sobre o couro que veste o Elso, do lado esquerdo um filhote de javali; e do lado direito, escondido na sombra, um “gato palheiro”, que habita nosso bioma Pampa e é o felino mais ameaçado de extinção do mundo, restando pouquíssimos deles, e sua existência é desconhecida da grande massa no Brasil.



Alejandro Arnutti
**A MAJESTOSA NATUREZA
VENHO SE EXIBIR OU SE
VINGAR?**

2025
[série *O que restou dos
Charrua?*]

Óleo sobre tela

90 x 150 cm

R\$ 8.400,00

Depoimento sobre a obra “A Majestosa Natureza Venho se Exibir ou se Vingar?”

Nos tempos da colonização os índios Charrua não ficavam inertes ao roubo de suas terras e a morte dos seus por parte dos colonizadores espanhóis e portugueses, e como vingança executavam os chamados “Malones”: ataques surpresa com o objetivo principal de matar seus inimigos, roubar seu gado e as mulheres brancas, assim como tudo o mais que pudessem carregar.

Esses ataques eram feitos a estâncias, vilarejos e cidades, e eram planejados explorando o efeito surpresa, e uma das formas de fazer isso era explorando a neblina das cerrações das manhãs de inverno onde cavalgavam deitados na lateral do cavalo de forma a esconder seu corpo dos colonizadores, e carregando suas lanças rente ao chão para não serem vistas. Assim eles faziam pensar aos colonizadores que se tratava apenas de uma manada de cavalos selvagens cavalgando livremente, até que, quando se aproximavam o suficiente, estes endereçavam para o ataque.

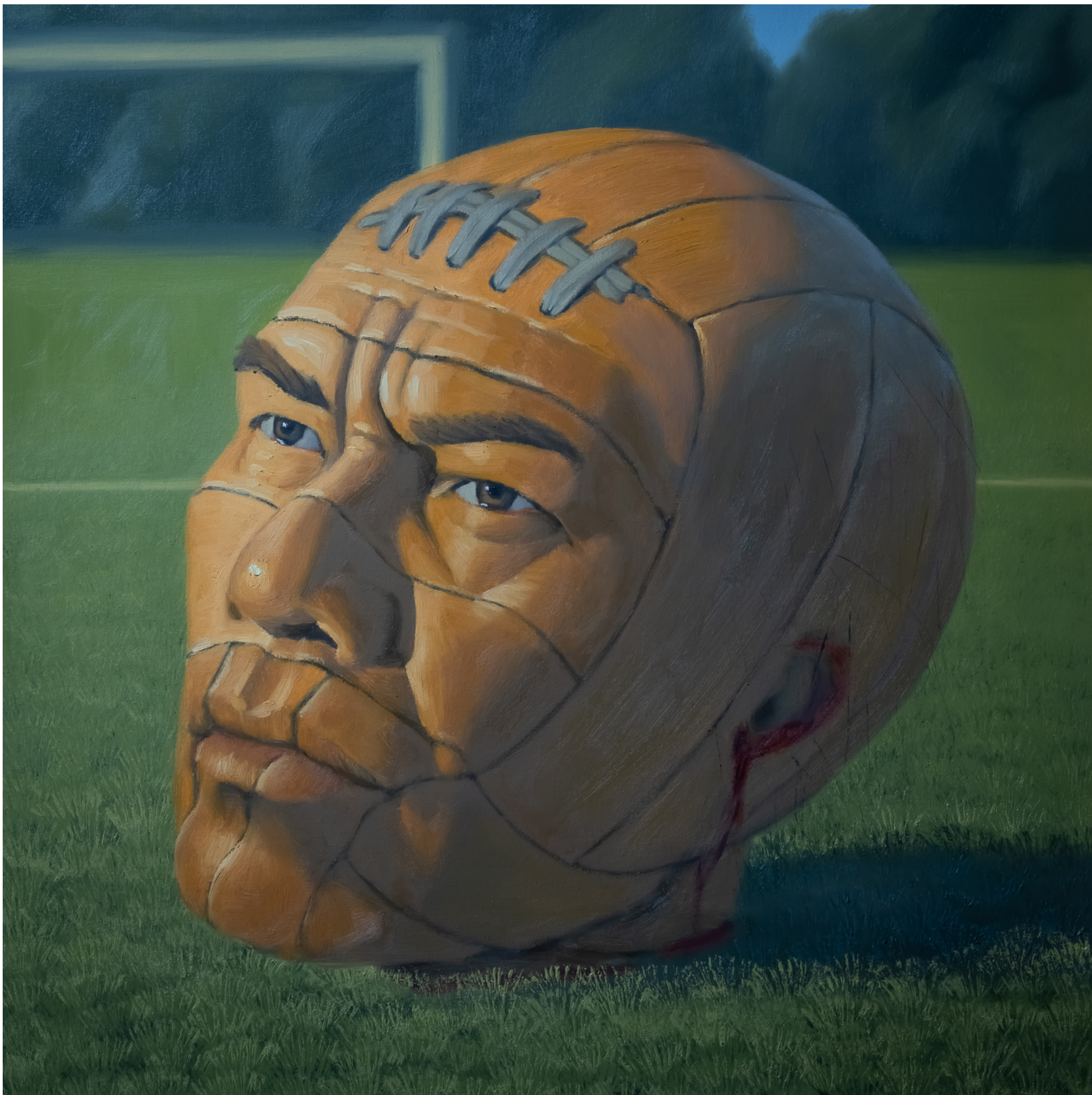
Por isso a cena representada na obra é a visão que o colonizador tinha da chegada do “malon”, e como não conseguia ver os índios nos cavalos, mas sim apenas uma belíssima cena proporcionada pela natureza, eles se perguntavam se aquilo era um presente ou um ataque, e de forma geral esta era a ultima visão que esses colonizadores tinham em vida: um ataque fantasiado de presente.



Alejandro Arnutti
VIGIANDO O TERRITÓRIO
2025
[série *O que restou dos Charrua?*]
Óleo sobre tela
60 x 90 cm
R\$ 5.250,00

Depoimento sobre a obra “Vigiando o Território”

Nos tempos da colonização os índios Charrua tinham por hábito ficar em pé em cima do cavalo para assim estender seu campo de visão, mas não faziam isso somente quando o cavalo estava estático (como costuma se pensar), mas também com o cavalo em movimento. Outra peculiaridade da época era o uso de peles de leopardos e veados como montaria, já que os ovinos ainda não haviam sido introduzidos nesta região da América.



Alejandro Arnutti

LA GARRA CHARRUA DEL MASACRE DE SALSIPUEDES

2025

[série *O que restou dos Charrua?*]

Óleo sobre tela, 60 x 60 cm

R\$ 4.200,00

Depoimento sobre a obra “La Garra Charrua en el Masacre de Salsipuedes”

O indivíduo retratado nesta obra chama-se Adriano da Silva, e além de amigo pessoal ele é o Cacique da comunidade dos pouquíssimos Charrua e descendentes que residem em Uruguaiana-RS. Ele foi pintado decapitado e com a orelha decepada (como terminaram muitos de seus antepassados) e também com o aspecto de uma bola de futebol usada na copa do mundo de 1930. Na sequencia explico o motivo.

No Uruguai o futebol é uma paixão nacional talvez maior do que no Brasil, se é que isso é possível. Todos se perguntam como um país tão pequeno de apenas 3 milhões de habitantes foi capaz de tantas conquistas futebolísticas na história, como ser um dos maiores vencedores de Copas Américas, e em especial a conquista da copa de 1930 e o Maracanazo de 1950. E a resposta é uma só e todos os uruguaios em coro tem na ponta da língua: é por causa da “garra Charrua” que os jogadores têm. Os Charruas foram uma etnia que ocupou principalmente o território uruguaio antes da colonização, mas também o sul do Brasil e parte da Argentina.

Mas atualmente o país onde menos descendentes de Charruas existem é no Uruguai. Inclusive se você pesquisar no google a wikipedia vai te informar que não existe mais nenhum Charrua vivendo em território uruguaio. Isso porque no começo do século XIX o próprio governo uruguaio através de seu Presidente Fructuoso Rivera decretou a erradicação do povo Charrua do Uruguai, e assim eles orquestraram e executaram o “Massacre de Salsipuedes” onde conseguiram reunir todas as lideranças Charrua e grande parte dos índios homens com a desculpa de que o governo iria contratá-los e remunerá-los para que defendessem as fronteiras do país de forças inimigas, e então executaram a emboscada matando a maior parte dos Charrua, e levando os sobreviventes para serem escravos em Montevideú.

Muito poucos conseguiram fugir e se salvar. Desde então a etnia passou a viver escondida e fugiu para o Brasil e Argentina. E nesses países eram caçados pelos capangas dos estancieiros sesmeiros que recebiam prêmios se voltassem da caça portando orelhas de Charruas mortos.

Depoimento sobre a obra “Recanto Solitário de um Capataz”

Obra inspirada em uma fotografia de Alejandro Arnutti captada em uma estância “Rincón de los Yaguarí”, no interior de Rivera/Uruguai. Mostra como o “capataz” (líder na hierarquia dos funcionários da estância) vive, assim como os demais, longe de sua família, e seu convívio se dá somente uma vez ao mês.

Esses personagens reais se habituaram a permanecer distante dos confortos dos centros urbanos, conservando assim a essência dos hábitos regionais e resistindo as pressões do mundo globalizado. Porém seus descendentes não estão se adaptando a essa vida solitária, e assim não dão continuidade ao trabalho e legado de seus progenitores, fazendo assim desaparecer gradativamente essa cultura.

Alejandro Arnutti
RECANTO SOLITÁRIO DE UM CAPATAZ, 2025
[série *A solidão da imensidão*]
Óleo sobre tela, 120 x 80 cm.
R\$ 7.000,00

Depoimento sobre a obra “Imagem Captada por Armadilha Fotográfica no Rincón de los Yaguari”

O “Rincón de los Yaguari” é uma estância localizada no município de Rivera, no Uruguai, onde são preservadas as tradições de manejo do gado na pastagem nativa do Pampa, preservando assim a biodiversidade deste bioma, além de preservarem tradições e costumes da cultura Gaúcha.

Alejandro Arnutti
**IMAGEM CAPTADA POR ARMADILHA
FOTAGRÁFICA NO RINCÓN DE LOS YAGUARI**
2024
óleo sobre tela, 50 x 50 cm
R\$ 3.500,00



Espelho do Açude

2020

[série *A Nação Pampa*]

óleo sobre tela

125 x 125 cm

R\$ 8.750,00

... Eis que desponta entre nós, o pintor Alejandro Arnutti.

Em minha casa, ostento seu painel “Tropa estrada afora”. Ele encanta eventuais visitantes. Sente-se a poeira no ar e o galope dos potros, tal o perfeccionismo. É ele o pintor que nos faltava para nos reafirmar no plano pictórico. Em sua obra aflora essa magnífica identidade cultural que envolve e aproxima o gaúcho uruguaio e o gaúcho do pampa brasileiro, como realidades humanas indivisíveis. Digo, com tintas leves, que o Rio Grande é um Uruguai que fala português.

De sua arte, deixai-me que diga: seus cavalos nas aguadas, bebendo a luz do entardecer, são de atordoante beleza lírica. O rosto de nossos velhos gaúchos, onde o tempo traça as trilhas, retratando as melenas orvalhadas dos campeiros. São obras de sentir o vento pousando sobre o rosto e o tempo moldando feições contundentes, heroicas, cotidianas, emblemáticas.

Os cavalos, de variadas pelagens, por sua arte preciosista, sabem captar o retouço das crinas balanceadas pelo vento. E são antigas senhoras, apaziguadas pela ternura, que lhe põem no colo a branca, macia e inocente ternura das ovelhas. Borregos, mugindo entre as molduras das porteiras das velhas mangueiras. A tosa, o carnear, testemunhados com mão precisa e o dom mágico da revelação do real em sínteses absolutas.

E o que dizer das tropas de gado e cavalcadas! Elas levantam poeira e surpresa, num deslumbre inusitado. E alcançam vastidões de encantamento que somente um grande artista pode provocar. Seus laçadores nos enlaçam, e nos quedamos presos à graça dessas obras magníficas, oportunas e necessárias.

Estejamos com ele, nas expressões vivas de sua arte.

O Rio Grande ganhou um prêmio, recebeu o legado de um belo patrimônio artístico, foi agraciado com um reflexivo espelho, onde nossa alma se reflete. Sobre a obra de Alejandro Arnutti, podemos dizer que hoje o seu trabalho assegura a sua presença na galeria dos grandes pintores de nossa temática gaúcha. Foi uma honra inusitada adornar essa obra com textos de rodapé, modestos pedestais ao seu múltiplo trabalho criativo.

Em Alejandro Arnutti, temos o olhar perceptivo a captar a forma exata da composição. Uma visão do movimento apreendido em suas variantes no espaço e no tempo. Uma sensibilidade aguçada em relação às cores, onde o real e o imaginário correm de rédea solta pelos campos de sua arte. As variadas nuances do Pampa transbordam de seus pincéis.

Assim vejo.

Assim penso.

Assim sinto a obra de Alejandro Arnutti

Luiz Coronel

escritor

2022

currículo

Alejandro Arnutti

[Artigas/Uruguai, 1981 - Vive e trabalha em Uruguaiana/RS]

Exposições Individuais

2022 – "Estância da Arte" – Cur. Marciano Schmitz - EXPOINTER, Esteio/RS-Brasil
2018 – “Encantos dos Pampas” - EXPOINTER – Esteio/RS-Brasil
2018 – "Pampa Além Fronteiras" – Cur. Sergio Rojas - Memorial do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS-Brasil
2017 – “A Gênese do Pampa” - EXPOINTER – Esteio/RS-Brasil
2016 – “A Alma do Pampa” - EXPOINTER – Esteio/RS-Brasil
2016 – “El Gaucho del Pampa”- La Barra - Punta Del Este – Uruguai
2014 – “Recuerdos del Pampa” – ALARTE, Montevideú, Uruguai

Exposições Coletivas

2025 - LXX Salão de Belas Artes de Piracicaba/SP
2013 – Expo Punta Arte Internacional, Punta del Este/Uruguai
2013 – Mostra 100 x 100 Arte Ítalo-argentino, Salerno/Italia

Formação

2022 - Curso de fotografia documental com Tadeu Vilani e Guto Oliveira
2020 - Curso de pintura de retrato com Javier Arizabalo
2015 - Curso de escultura de figura humana com Alex Oliver - São Paulo/SP
2012 - Curso de pintura de paisagem com Alexandre Reider

Obras em Acervos Públicos

2025 - Acervo da Câmara de Vereadores de Piracicaba/SP
2024 - Acervo da Câmara de Vereadores de Uruguaiana/RS (Galeria de Ex-presidentes)
2023 - Acervo da Prefeitura Municipal de Quaraí/RS (Galeria de Ex-prefeitos)
2023 - Acervo Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul
2023 - Acervo do Governo do Estado do Rio Grande do Sul
2022 - Acervo da Prefeitura Municipal de Uruguaiana/RS (Galeria de Ex-prefeitos)
2015 - Acervo da Prefeitura Municipal de Uruguaiana/RS

Prêmios

2025 - “Prêmio Aquisitivo” LXX Salão de Belas Artes de Piracicaba/SP.
2021 - "Prêmio Trajetórias Culturais" - Instituto Trocando Ideia, Porto Alegre/RS, Brasil.
2013 - Primer Prêmio – “Encuentros del Arte Contemporáneo”, Punta del Este/Uruguai.

Publicações Importantes

2023 – Entrevista no programa Jornal do Almoço da emissora RBSTV afiliada TV GLOBO
2022 – Comercial na emissora RBSTV, afiliada REDE GLOBO
2022 - "Espaço Cultural leva Arte Campeira a Expointer" - Jornal O Sul
2018 – Jornal “Zero Hora”, Porto Alegre/RS – Brasil
2018 - "Arte" da RBSTV (afiliada TV GLOBO e no Globo Play)



Alejandro Arnutti

alejandroarnutti1@gmail.com

+55 (55) 99918-9712

@alejandroarnutti

www.alejandroarnutti.com